

# QUESTÕES SOBRE O ENSINO DE LITERATURAS EM LÍNGUA INGLESA NAS LICENCIATURAS EM LETRAS DA UFMS E DO IFSP (CAMPUS SÃO PAULO-PIRITUBA): A EXPERIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DAS EMENTAS

QUESTIONS ABOUT THE TEACHING OF ENGLISH LITERATURE FOR ENGLISH MAJORS AT UFMS AND IFSP: THE EXPERIENCE OF WORKING ON THE SYLLABI

Fabiana de Lacerda Vilaço<sup>61</sup>  
Marcelo Cizaurre Guirau<sup>62</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar e discutir as escolhas feitas na construção dos cursos de Literaturas de Língua Inglesa das licenciaturas em Letras do Instituto Federal de São Paulo (Campus São Paulo-Pirituba) e da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Campus de Campo Grande). O ponto de discussão central será o do princípio de organização e distribuição de temas, textos, autores e períodos ao longo dos semestres. As escolhas feitas serão apresentadas e confrontadas com algumas outras abordagens possíveis a fim de fomentar um debate produtivo sobre a presença da Literatura Estrangeira na grade das licenciaturas com dupla habilitação e sua relevância para a formação global do aluno de Letras como leitor crítico, futuro professor e pesquisador. Duas abordagens receberão atenção especial: a divisão do curso por gêneros e traços estilísticos e a por períodos. Os principais ganhos e limitações de cada uma delas serão revisitados à luz das escolhas que definiram as ementas aqui em debate.

---

<sup>61</sup> Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo - Brasil. Mestre em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo - Brasil. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: [fabiana.vilaco@ufms.br](mailto:fabiana.vilaco@ufms.br)

<sup>62</sup> Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo - Brasil. Mestre em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo - Brasil. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. E-mail: [cizaurre@ifsp.edu.br](mailto:cizaurre@ifsp.edu.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino Superior; Licenciatura em Letras; Ensino de Literatura; Literaturas em Língua Inglesa; Formação de Professores.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to present and discuss some of the choices made in the process of writing the English courses for the English major at the Campus Campo Grande of the Federal University of Mato Grosso do Sul and the Campus Sao Paulo-Pirituba of the Federal Institute of Sao Paulo. The main point of discussion here will be the organizing principle behind the selection of the themes, authors and texts to be taught in each course. The choices made will be presented and confronted to some other possible approaches in order to advance the debate about the teaching of English Literature in Higher Education and about its relevance to the formation of the English graduates as teachers, researchers and conscious readers. Two approaches to literature teaching will receive special attention here: the one by *genre* and the one by historical periods. The main advantages and limitations of each will be focused from the perspective of the choices made in the process of writing the syllabi brought to discussion here.

**KEYWORDS:** Higher Education; English Major; Literature teaching; English Literature; Teacher Education.

## **1. O ENSINO DE LITERATURA ESTRANGEIRA NA LICENCIATURA EM LETRAS: QUESTÕES INICIAIS**

A bibliografia sobre o ensino de literatura na escola básica no Brasil é ampla. Tem sido muito comum o diagnóstico de que há pelo menos dois problemas centrais: o pouco hábito de leitura dos jovens alunos, o qual também não é suficientemente estimulado na escola, e a ênfase excessiva no ensino da historiografia das escolas literárias, em detrimento de um embate real com a obra (COSSON, 2014; MARTINS, 2009; GALVÃO & SILVA, 2017; SANTOS & JORGE, 2014; ZILBERMAN, 2010; entre outros).

Observamos que é muito comum também os professores brasileiros fazerem por aqui algo parecido com a prática que Todorov critica no ensino de literatura no sistema francês, no qual, segundo ele “não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos” (TODOROV, 2010, p. 27).

Santos e Jorge (2014) também comentam que:

No meio acadêmico, notabiliza-se a ausência de leitura da obra a favor de sua análise, de modo que a premência do discurso teórico-crítico sobre o próprio discurso literário se tenha tornado bastante comum. Não surpreende, portanto, que nas escolas os docentes egressos dos Cursos de Letras reproduzam o sistema já conhecido. (SANTOS & JORGE, 2014, pp. 181-182)

Já a bibliografia sobre o ensino de literatura no ensino superior, especialmente no curso de Letras, não é tão vasta assim. Contudo, os estudos aqui mencionados fornecem subsídios para refletirmos sobre uma inquietação importante que acompanhou o desenho dos cursos de literatura que comentaremos neste trabalho. Esta inquietação diz respeito à escolha de qual viés deveria sustentar o recorte a ser dado por cada disciplina do curso, sendo que uma das escolhas óbvias seria o recorte historiográfico. Este permitiria a seleção e a organização das obras a serem trabalhadas com base em momentos históricos e escolas estéticas diferentes e cronologicamente sequenciados. Contudo, justamente pensando no fato de que os Cursos de Letras que discutimos aqui são Licenciaturas, ou seja, têm como foco a formação de professores, a opção feita foi outra. Optou-se por uma organização do conteúdo em torno de gêneros literários, que permitisse um diálogo entre obras de diferentes épocas sem as amarras de um sequenciamento cronológico em escolas literárias, esperando, com isso, formar leitores mais críticos e professores melhor equipados para pensar sobre seus próprios cursos de literatura no futuro. Com isso, buscou-se evitar o problema mencionado por Santos & Jorge, de que os discentes do curso de Letras, uma vez formados, reproduzam didáticas e organizações curriculares historiográficas, as quais, conforme já comprovado pela observação e por inúmeras pesquisas e estudos realizados, têm levado o estudo de literatura ao fracasso entre os estudantes brasileiros.

A organização de um currículo de literatura para o ensino superior é uma tarefa bastante desafiadora. As possibilidades de arranjo do material a ser estudado, bem como de seleção desse material, tanto o literário quanto o crítico, são muitas. As escolhas a serem feitas refletem maneiras de pensar a literatura e, conseqüentemente, acabam também por ensinar aos graduandos conteúdos de que nem sempre eles e seus professores estão bem conscientes. Em estudo sobre o ensino de literatura na escola básica, SANTOS & JORGE

fazem a seguinte avaliação, a qual é também da maior relevância para a reflexão sobre o currículo do curso de Letras:

No ensino de literatura, o objeto de estudo exige a superação de abordagens restritas, muitas vezes determinadas pela obediência a um formato fechado de saber; em outras palavras, demanda uma perspectiva dotada do dinamismo inerente ao conhecimento vivo, em movimento. Pode-se afirmar, portanto, que se está diante de um desafio metodológico. (SANTOS & JORGE, 2014, pp. 181-182)

Assim, diante de tal desafio, diversas questões se colocam para os docentes de Letras que precisam se incumbir da tarefa de desenhar um currículo de literatura. Uma delas seria, por exemplo: que tipo de pressupostos sustentam a opção de montar um curso de literatura com base em critérios cronológicos – ou seja, organizando as disciplinas em torno de eixos temporais de modo a reconstituir a história da literatura estudada? Essa tem sido uma opção feita em muitos cursos superiores, e, principalmente, na educação básica: é bastante conhecido e estudado o fato de que o ensino de literatura no Ensino Médio tem, tradicionalmente, esse tipo de organização. Por outro lado, podemos também nos perguntar quais seriam as consequências de se ignorar o viés cronológico: ignorar escritores considerados fundamentais para a literatura estudada? Deixar de lado o conhecimento dos movimentos de continuidade e ruptura entre um período e outro? Perder a visão do todo da formação literária de um país?

No caso da literatura de língua estrangeira tais questões se tornam bastante importantes, uma vez que elas se somam a outras que exigem reflexão sobre conteúdos de diversas ordens, tais como culturais, históricos, políticos, com os quais os graduandos podem ter pouca ou nenhuma familiaridade, além do desafio –em geral nada fácil – de realizar a leitura em língua estrangeira.

Para refletir sobre a fundamental e desafiadora tarefa de desenhar um currículo de literatura para o curso de Letras, vamos comentar neste trabalho

a experiência de escrita de ementas das disciplinas de literaturas em língua inglesa em duas diferentes instituições, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia São Paulo (campus São Paulo-Pirituba) e a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (campus de Campo Grande). O objetivo é apresentar as reflexões que embasaram as escolhas feitas pelos professores em cada instituição e pensar sobre seus ganhos e limitações, de forma a destacar de que modo tais disciplinas podem ser pensadas para contribuir para a formação global do estudante de Letras, como leitor crítico, como professor e como pesquisador.

## **2. O CASO DA UFMS: MUDANÇAS**

No caso da UFMS, o curso já é relativamente antigo, e as ementas que são objeto deste estudo são novas versões das disciplinas de literaturas de língua inglesa escritas para o novo projeto pedagógico de curso, a ser implementado no ano de 2019. O número dessas disciplinas continua o mesmo. Contudo, anteriormente elas eram organizadas cronologicamente, sendo um semestre dedicado a cada período da história da literatura de língua inglesa, desta forma:

- Literaturas de Língua Inglesa I: dos princípios ao século XVII
- Literaturas de Língua Inglesa II: século XVIII
- Literaturas de Língua Inglesa III: século XIX
- Literaturas de Língua Inglesa IV: século XX

Uma das principais falhas de tal distribuição está no fato de que a literatura contemporânea não é de modo algum contemplada no curso. Esse é um problema que pode derivar diversos equívocos. Primeiramente, a impressão de que o curso não valoriza as produções contemporâneas. Foi possível perceber que os alunos também tinham essa percepção, o que nos

trouxe certa preocupação. Há na atualidade tantas obras importantes e ricas em criatividade, inovação, conteúdos culturais e históricos diversos, incluindo escritores de origem europeia, norte-americana, mas também africanos, canadenses – Chimamanda Ngozi Adichie, Margaret Atwood, J. M. Coetzee, para citar alguns. Perde-se, assim, a oportunidade de engajar o aluno em um embate com as questões do seu tempo. Perde-se, também, a possibilidade de se abrir um diálogo, com possíveis desdobramentos em pesquisas, com formas literárias contemporâneas conhecidas dos alunos (Psychological Thriller, Legal Thriller, Political Thriller, Alternate History, Cyberpunk, Scape Opera, FanFiction etc..).

Outro problema é o fato de que tal divisão parece sustentar-se sobre uma concepção de que cada período histórico é separado dos demais de forma estanque. Esse problema poderia ser abrandado por meio da adoção de estratégias didáticas que permitissem aos alunos construir de modo crítico as relações de continuidade e ruptura entre um momento e outro – por exemplo, por meio de atividades que estimulassem o estudo comparativo de obras de períodos diferentes. Tal estratégia, entre outras, foi explorada em aula e gerou resultados positivos. Contudo, permanece o incômodo de que o curso organizado cronologicamente opera sob a pressuposição de que há uma trajetória evolutiva das formas literárias, caminho que parece imitar procedimentos com que os alunos estão familiarizados desde o Ensino Médio – em que eles provavelmente estudaram literatura por meio do estudo da sucessão das escolas literárias – , o que, por vezes, leva a uma escolarização negativa do conteúdo.

Assim, quando houve a oportunidade de revisar tais ementas, em um momento de reescrita do Projeto Pedagógico de Curso, fizemos uma opção diferente: a de organizar os semestres em torno dos gêneros literários, deixando um semestre para a discussão da literatura contemporânea, em sua complexidade e variedade de formas, lugares e questões. As novas disciplinas

do curso de Literaturas de Língua Inglesa, que constituem o novo PPC a ser implementado em 2019, são:

- Literaturas de Língua Inglesa: contos
- Literaturas de Língua Inglesa: poesia
- Literaturas de Língua Inglesa: romance
- Literaturas de Língua Inglesa: literatura contemporânea

Um problema que ainda não pôde ser solucionado foi o da inclusão de uma disciplina voltada para o gênero dramático. O plano, no momento, é procurar contemplar o estudo do teatro dentro das demais disciplinas, por exemplo, por um viés comparativo. Na disciplina dedicada a literatura contemporânea isso será bastante favorecido; nas demais, espera-se poder abordar obras de escritores que escreveram poesia e teatro (como Shakespeare), romance e teatro (como Oscar Wilde), e assim por diante.

Com a nova divisão das disciplinas, espera-se poder estudar, no mesmo semestre, obras de diferentes épocas e autores, tematizando seus diferentes contextos históricos e as diferentes soluções formais experimentadas. O estudo da forma literária e da linguagem poderá, assim, também ser mais priorizado. Desse modo, esperamos poder formar alunos como futuros professores e leitores críticos capazes de interagir com a obra literária de forma mais dinâmica, porque menos amarrada às concepções dos períodos históricos sucessivos, e de identificar de maneira mais autônoma as rupturas, continuidades e confluências entre as obras de escritores das mais diversas épocas, espaços e contextos.

### **3. O CASO DO CAMPUS SÃO PAULO-PIRITUBA DO IFSP: COMEÇOS**

Ao contrário do curso da UFMS, o curso de Letras do IFSP Pirituba é novo, tendo seu início no segundo semestre de 2017. No processo de

construção do Projeto Pedagógico de Curso, o eixo de literatura foi pensado de uma forma integral, de maneira que os cursos de literatura em língua portuguesa e inglesa seguissem a mesma orientação pedagógica. Essa primeira decisão, que guiou a construção das ementas de literaturas vernáculas e estrangeiras, foi feita para favorecer um caminho formativo coeso em estudos literários, de modo que o aluno possa perceber mais facilmente relações entre as literaturas estudadas. De modo semelhante, o professor Mario González, tratando das escolhas feitas na construções dos cursos de literatura estrangeira na grade do bacharelado em Espanhol da USP<sup>63</sup>, ressalta a necessidade de se estabelecer uma orientação mínima para a área:

De cualquier manera, la definición de un sistema para la elaboración del currículo es importante para permitir que el alumno se sitúe dentro de él; y contribuye, como fue en mi caso, para que se formen equipos de profesores que tengan mínimas referencias comunes en su trabajo didáctico.” (GONZÁLEZ, 2018, p. 40)

O princípio organizador que norteou a construção das ementas de Literaturas em Língua Inglesa no IFSP Pirituba foi o gênero literário. Assim, temos as seguintes disciplinas:

- Literaturas em Língua Inglesa I: poesia
- Literaturas em Língua Inglesa II: teatro e cinema
- Literaturas em Língua Inglesa III: contos
- Literaturas em Língua Inglesa IV: romance.

Os cursos de Literaturas em Língua Portuguesa do *campus* seguem a mesma orientação, com a diferença de que a distribuição dessa disciplina em seis semestre permitiu um recorte cronológico dentro da divisão em gêneros

---

<sup>63</sup> No caso dos cursos de literatura estrangeira do bacharelado em língua espanhola da USP, a opção foi por uma “abordaje historicista de los textos literarios mediante cortes sincrónicos en la diacronía.” (GONZÁLEZ, 2018, p, 39).

textuais: Literaturas em Língua Portuguesa I – **prosa** (da Idade Média até Romantismo); Literaturas em Língua Portuguesa II – **prosa** (Realismo e Naturalismo); Literaturas em Língua Portuguesa III – **prosa** (do Modernismo até hoje); Literaturas em Língua Portuguesa IV – **poesia** (entre os séculos XVI e XIX); Literaturas em Língua Portuguesa V – **poesia** (entre os séculos XIX e XXI); Literaturas em Língua Portuguesa VI – **teatro e cinema** (da Idade Média até hoje)<sup>64</sup>.

A divisão dos quatro semestres de Literaturas em Língua Inglesa em gêneros literários permite, a nosso ver, um arco de escolhas mais amplo do que uma divisão em períodos, eras, épocas ou movimentos– com seus autores exemplares, eventos marcantes e traços estilísticos predominantes. Evidentemente, há vários tipos de abordagem historiográfica da literatura, e não queremos reduzi-las a meras enumerações de dados representativos de momentos históricos específicos, até mesmo porque a própria definição do que é representativo de cada época é objetivo de debate constante. O que queremos é apontar para o fato de que o leque de escolhas dessas abordagens, embora amplo, está circunscrito a um quadro temporal determinado e a uma intenção de constituir uma noção dos momentos estudados e do plano maior da qual são parte. Corre-se, nesse intento, o risco de incorrer em simplificações ou em elaborações conceituais de difícil apreensão para os graduandos. Acreditamos que os quatro semestres da disciplina de Literaturas em Língua Inglesa, os quais compõem um total de doze aulas<sup>65</sup>, não são suficientes para conduzir o aluno a uma compreensão adequada da história

---

<sup>64</sup> Cabe, evidentemente, uma discussão sobre essa escolha para as literaturas vernáculas, que dispõem de carga horária suficiente para uma abordagem historiográfica. No entanto, nosso foco aqui é nas disciplinas de literatura em língua estrangeira; assim, mencionamos a composição do curso de Literaturas em Língua Portuguesa apenas para mostrar a opção pela divisão em gêneros literários como princípio organizador principal de todo o eixo de literatura no PPC de Letras.

<sup>65</sup> Distribuídas, respectivamente, da seguinte forma: 2 (Quinto Semestre), 4 (Sexto Semestre), 2 (Sétimo Semestre) e 4 (Último Semestre).

das literaturas em língua inglesa, sobretudo se pesarmos a imensidão do mundo de expressão inglesa e a distância geográfica e, em grande medida, cultural – já que a onipresença linguística e cultural do inglês no mundo atual se dá, basicamente, pela exportação da cultura de um único país, os Estados Unidos) que separa o brasileiro desse universo.

Aqui, mais um dilema se impõe às abordagens historiográficas: qual história contar? Tradicionalmente, os cursos de Literatura Inglesa se concentram na literatura produzidas nos países hegemônicos, Inglaterra e Estados Unidos, com raras incursões por outros territórios, como a Irlanda, que são incluídos nessa história pela mão de autores que tenham alcançado cidadania literária mundial via cânone, como acontece com James Joyce e William Butler Yeats, para citar dois nomes. Da literatura africana escrita em inglês, por exemplo, pouco se vê. Os caminhos aqui são inúmeros e cada uma dessas histórias literárias nacionais encerra especificidades de devem ser levadas em conta pelo professor, o que eleva em muito as dificuldades de seleção do material de leitura.

A opção pela organização da disciplina em gêneros literários não exclui incursões historiográficas, mas abre espaço também para acomodar outras possibilidades de arranjo dos materiais estudados<sup>66</sup>, como por tópicos (Ex.: a poesia negra, o romance de ficção científica, o teatro *agitprop*, a relação entre música e poesia em língua inglesa, cinema e literatura etc...), que podem atravessar um amplo arco temporal e geográfico, ou por subgêneros próprios ou predominantes em língua inglesa, como os *limerick* e o soneto elisabetano.

Não queremos, aqui, fazer uma defesa geral da abordagem por gêneros literários no ensino da literatura em língua inglesa, mas apenas apresentar os

---

<sup>66</sup> Essa abertura maior da abordagem por gêneros literários é ressaltada por FELIZ e PONTE (2006): “Como se pode constatar, a abordagem literária por gêneros oferece uma flexibilidade de disposição dos conteúdos e maior possibilidade de recortes no programa. Uma vez livre do engessamento imposto pela linha sócio-temporal do método histórico, desobriga-se também da necessidade de que toda a tradição literária em língua inglesa seja cumprida, algo que, na prática, é inexecutável.” (p. 531)

elementos que orientaram essa escolha no contexto específico da licenciatura em Letras do IFSP Pirituba. Como vimos, a limitação da disciplina à quatro semestres (12 aulas) é um desses elementos. Outro é o nível médio de proficiência dos alunos no quinto semestre do curso, quando começam os cursos de Literaturas em Língua Inglesa. Firmado que o contato com os textos originais é um pressuposto da disciplina de literatura estrangeira na licenciatura, buscamos, na construção do PPC, garantir uma aproximação confiante do aluno com esses textos. Assim, a primeira decisão do grupo foi a de adiar as disciplinas de literatura estrangeira ao máximo<sup>67</sup>, a fim de assegurar ao aluno tempo de estudo da língua inglesa que o prepare para a leitura nesse idioma. As disciplinas de Língua Inglesa totalizam 27 aulas, distribuídas por todos os semestres da graduação: Língua Inglesa I (4 aulas); Língua Inglesa II (5 aulas); Língua Inglesa III (2 aulas); Língua Inglesa IV (2 aulas); Língua Inglesa V (4 aulas); Língua Inglesa VI (3 aulas); Língua Inglesa VII (4 aulas); Língua Inglesa VIII (3 aulas). Além disso, nessas disciplinas as turmas são divididas em dois níveis de proficiência (com classe de, no máximo, 20 alunos), o que favorece o aprendizado do idioma estrangeiro. Com isso, acreditamos que os alunos poderão fruir a leitura dos textos literários em inglês e, paralelamente, aproveitar essas leituras para desenvolver suas habilidades linguísticas no idioma estrangeiro.

Além da alocação da disciplina de literatura estrangeira nos últimos semestres do curso, optamos, na distribuição dos gêneros literários por semestre, por uma disposição em que as leituras mais extensas ficassem no final. Assim, temos a seguinte sequência: poesia; teatro e cinema; contos; romance. Evidentemente, a variedade do texto literário não permite uma gradação segura de nível de dificuldade de leitura. Dessa forma, um poema de Donne ou o *Paradise Lost* de Milton podem ser mais difíceis de ler que um

---

<sup>67</sup> As disciplinas de Literaturas em Língua Inglesa estão nos últimos semestres do curso, do quinto ao último.

romance de Jane Austen; ou uma peça de Shakespeare mais difícil que um conto de Poe. Dada a impossibilidade de se estabelecer uma classificação dos gêneros de acordo com o nível de dificuldade de leitura, optamos pela régua da extensão do texto, uma vez que o texto mais curto pode ter sua leitura mediada pelo professor, enquanto seria impossível ler todo um romance em sala de aula.

Ainda aqui, a divisão da disciplina por gêneros literários permite ao professor uma flexibilidade que seria difícil de obter na organização cronológica, que pressupõe a leitura de textos de diferentes gêneros dentro do mesmo período. Na organização por gêneros, o professor pode, além de transitar muito mais livremente por diferentes épocas, autores e subgêneros, variar a escolha de leituras também para adequá-las ao nível de proficiência da classe<sup>68</sup>.

A fim de promover uma maior integração das diferentes áreas do curso de Letras, além da adesão aos gêneros literários como critério organizador – como definido, também, nas literaturas vernáculas – outros três procedimentos perpassam as quatro disciplinas de Literaturas em Língua Inglesa: 1 – uma reflexão permanente sobre os diálogos entre as literaturas de língua inglesa e a brasileira; 2 – um debate sobre traduções de algumas das obras lidas e sobre questões de tradução literária; 3 – um exercício de percepção das possibilidades educacionais dos textos estudados. Esses três procedimentos podem ter lugar ao final de cada aula ou em momento específico do semestre, de acordo com a necessidade pedagógica. Eles proporcionam momentos de encontro com outras disciplinas da licenciatura: com as de Literaturas em Língua Portuguesa, por meio do estudo dos contatos entre culturas e tradições literárias e do trânsito de formas mediados pelo

---

<sup>68</sup> Nesse ponto, concordamos, novamente, com FELIZ e PONTE (2006): “Além disso, essa maior mobilidade permite ao professor fazer trocas de textos e obras ao longo do curso, de modo a ajustá-las ao nível linguístico das turmas, sem com isso desrespeitar ou descumprir as diretrizes do programa.” (p. 531)

texto literário; com as de Língua Inglesa e de Língua Portuguesa, por meio de reflexões sobre tradução<sup>69</sup>, que evocam as especificidades de cada idioma; com as de educação, por meio do exercício de pensar o ensino de literatura, de explorar a vocação educacional dos textos lidos e de imaginar sua transposição didática para diferentes contextos escolares.

#### **4. CONCLUSÕES**

O exercício de escrita das ementas dos cursos aqui tratados evidenciou para nós o quanto a tarefa de escolher caminhos pedagógicos e de selecionar materiais para estudo exigem pesquisa, reflexão, diálogo e avaliação. No caso das ementas aqui discutidas, a avaliação fica adiada para quando as disciplinas tiverem suas primeiras turmas.

A pesquisa envolve leis de educação e diretrizes educacionais, PPCs de cursos semelhantes, textos acadêmicos diversos sobre ensino e sobre os temas das disciplinas. Isso tudo, de uma forma ou de outra, já faz parte da formação do professor e de sua atuação no ensino superior. No entanto, o que julgamos ter sido o objeto de pesquisa fundamental para a construção das ementas aqui trabalhadas foi o conhecimento do aluno a que elas se destinam. É importante ter em mente o “Perfil do Egresso” que consta do PPC do curso, mas também é necessário atualizá-lo com a experiência dos professores com os alunos reais. Na UFMS, como as novas ementas foram escritas com o curso – com o currículo antigo – em andamento, foi possível observar, analisar e refletir sobre os materiais, estratégias didáticas e a relação estabelecida entre os alunos e a atividade de leitura em língua estrangeira. Foi possível também ouvir relatos de alunos que manifestaram, por exemplo, interesse na leitura de obras contemporâneas, inclusive de escritores de fora do eixo Inglaterra-Estados Unidos, bem como em estratégias didáticas que permitam uma

---

<sup>69</sup> Na grade curricular do curso de Letras aqui apresentado, não há disciplina de tradução. Dessa forma, a inserção dessa temática nos semestres de Literaturas em Língua Inglesa também procura preencher essa lacuna do PPC.

interação mais intensa com a obra literária e uma interlocução entre colegas da turma, de modo a tornar a leitura em língua estrangeira, especialmente desafiadora, uma atividade menos solitária e mais compartilhada e coletiva. Essa investigação sobre as necessidades e expectativas dos graduandos não foi possível no caso do IFSP Pirituba, uma vez que se trata de um curso novo. Dessa forma, as ementas foram construídas com base na experiência dos professores, em suas expectativas sobre os futuros alunos e em algumas intuições possíveis pelo contato com a comunidade do entorno do *campus*, em cursos de Formação Inicial e Continuada ofertados. Das expectativas, a que mais atuou nas escolhas feitas nas ementas foi a do nível de proficiência em leitura em inglês dos alunos quando alcançarem o quinto semestre do curso e começarem a ter aulas de literatura estrangeira. Com as aulas em andamento e duas turmas, já é possível vislumbrar alguns possíveis acertos e falhas das ementas de Literaturas em Língua Inglesa, que a realização dos cursos e as avaliações poderão confirmar.

No campo da reflexão, disciplinas de ensino de literatura levantam muitas e importantes, como “Qual é o papel da literatura na formação do indivíduo?”; “Qual o papel da literatura estrangeira em um curso de licenciatura com dupla habilitação?”; “O que ensinar em um curso de Literaturas em Língua Inglesa?”; “Como conduzir o estudo dos materiais escolhidos?”; “Qual a contribuição da literatura estrangeira para a formação geral que a licenciatura pretende?...Há muitas outras possíveis e elas são determinantes para as escolhas feitas. Como não há espaço suficiente para discuti-las aqui, apenas ressaltamos que esse momento de reflexões mais amplas sobre a disciplina é necessário para integrá-la efetivamente em um PROJETO Pedagógico de Curso que valha o seu nome. Elas devem ser objeto de discussões contínuas do Núcleo Docente Estruturante e nas áreas específicas. Acreditamos que o PPC e as ementas de cursos a ele integradas constituem um retrato de planos e expectativas do corpo docente que os formulou, no

momento em que sua escrita ocorreu. O dinamismo inerente a vida de qualquer *campus* universitário demanda que esses planos sejam constantemente revistos e as expectativas submetidas ao exame da experiência.

O diálogo é outro elemento essencial no processo de construção de cursos. Em nível retórico, sua onipresença é marcante no campo da educação como um todo. No entanto, para ser efetivo, ele deve ocorrer em vários âmbitos e ser uma prática incorporada à rotina do *campus*. No grupo maior dos professores que atuam no curso, ele é fundamental para que todos entendam o que ocorre fora de suas disciplinas, de forma a integrá-las em um esforço de formação mais amplo; entre os professores das áreas específicas, ele favorece a troca de experiências e uma atuação mais consoante; entre professores e alunos, ele atua como meio de avaliação de expectativas e dificuldade e como via para solução de conflitos. Por fim, o diálogo entre professores de diferentes instituições de ensino, como o que suscitou estas reflexões, cria um ambiente de troca de experiências enriquecedor e possibilita a formação de uma comunidade de pesquisadores que se fortalecem mutualmente na defesa do ensino de literatura e, especificamente, da presença das literaturas estrangeiras nos cursos de licenciatura com dupla habilitação.

#### **REFERÊNCIAS**

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FELIX, José Carlos, PONTE, Charles Albuquerque. O ensino de Literaturas de Língua Inglesa na universidade: uma reflexão avaliativa. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 12, n. 2, p. 517-542 - jul./dez. 2016.

GALVÃO, André Luis Machado, SILVA, António Carvalho da Silva. O ensino de literatura no Brasil: desafios a superar em busca de práticas mais eficientes. *Letras&Letras*. Uberlândia, v. 33 n. 2, jul./dez. 2017.

GONZÁLEZ, Mario M. En torno al sentido de la enseñanza de las literaturas de lengua española en la universidad brasileña. In: CLÍMAGO, Adriana Ortega, ORTEGA, Raquel da Silva, MILREU, Isis (org.) *Ensino de literaturas hispânicas: reflexões, propostas e relatos*. Campina Grande: EDUFPG, 2018.

MARTINS, I. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. *Português no ensino médio e formação do professor*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 83-102.

SANTOS, Claudete Daflon, JORGE, Silvio Renato. Literatura e ensino: um tema e seus problemas. *Gragoatá*, Niterói, n. 37, p. 177-200, 2. sem. 2014.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. 5. ed. São Paulo: Difel, 2014.

ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino de literatura*. Curitiba: Ibpex, 2010.

Recebido em 01/12/2018.

Aceito em 20/02/2019.